



MOBILIDADE ACADÊMICA 2016

18 de dezembro de 2016

BOLETIM DE QUESTÕES

Nome: _____ N.º de Inscrição: _____

ÁREA III – CIÊNCIAS DAS HUMANIDADES I

Administração; Arquivologia; Biblioteconomia; Ciências Econômicas; Ciências Contábeis e Turismo.

LEIA COM MUITA ATENÇÃO AS INSTRUÇÕES SEGUINTES.

- 1 Este **Boletim de Questões** contém **40** questões objetivas, sendo **10** de **Língua Portuguesa**, **10** de **História**, **10** de **Geografia** e **10** de **Matemática**.
- 2 Confira se, além deste boletim, você recebeu o **Cartão-Resposta**, destinado à marcação das respostas das questões.
- 3 Verifique se o seu nome e o número de sua inscrição conferem com os dados contidos no **Cartão-Resposta**. Em caso de divergência, notifique imediatamente o fiscal de sala.
- 4 É imprescindível que você marque as respostas das questões de múltipla escolha no Cartão-Resposta com **caneta esferográfica de tinta preta ou azul**, sob pena da impossibilidade de leitura óptica. Na marcação do Cartão-Resposta, você **não** deverá, **sob pena de ter a questão anulada**, utilizar lápis (grafite) e/ou corretivo de qualquer espécie.
- 5 Uma vez entregue pelo fiscal de sala, o Cartão-Resposta é de inteira responsabilidade do candidato e não deverá ser dobrado, amassado, rasurado, manchado ou danificado de qualquer modo, sob pena de o candidato arcar com os prejuízos advindos da impossibilidade de realização da leitura óptica.
- 6 O Cartão-Resposta só será substituído se nele for constatado erro de impressão.
- 7 Do Cartão-Resposta não serão computadas as questões cujas alternativas estiverem sem marcação, com mais de uma alternativa marcada e/ou com marcação feita com caneta de cor e material diferentes daqueles que constam no item **4**.
- 8 O tempo disponível para esta prova é de **três horas**, com início **às 14 horas e término às 17 horas**, observado o horário de Belém/PA.
- 9 Os rascunhos e as marcações assinaladas no **Boletim de Questões** não serão considerados na avaliação.
- 10 Ao terminar a prova, você deverá devolver ao fiscal de sala todo o material acima especificado e assinar a lista de presença.
- 11 Após às **16h30min** você pode solicitar ao fiscal levar este **Boletim de Questões**.



MARQUE A ÚNICA ALTERNATIVA CORRETA NAS QUESTÕES DE 1 A 40.

LÍNGUA PORTUGUESA

As confissões sinceras de um ladrão brasileiro

1 “GOSTO DE SER ladrão, doutor. Esta palavra tem uma conotação feia, mas a origem dela é *latrones*,
2 os sujeitos que ficavam na lateral, ao lado dos reis e príncipes. Minha origem é, portanto, ilustre. Não sou
3 um ladrão de galinhas, mas confesso que roubava galinhas do vizinho e até hoje sinto o cheiro das penas
4 que eu agarrava, prendendo-lhes o bico para evitar cacarejos e ficou-me o gosto do terror de o vizinho
5 aparecer e acho que virei ladrão pelo prazer desse medo.

6 “Já fui dono da CAG Ltda., que era da viúva de meu ex-sócio, que, em circunstâncias misteriosas,
7 apareceu assassinado no Motel Crazy Love e que, antes de morrer, que Deus o tenha, já tinha transformado
8 a CAG em subsidiárias com sede em Miami, a ASS & HOLE Inc., a COCK & DICK participações, geridas por
9 uma *holding* em Barbados.

10 “Hoje, não roubo por necessidade, doutor; é prazer mesmo. Nunca fui pobre, mas preciso da adrenalina
11 que me acende o sangue na hora em que a mala preta voa em minha direção, cheia de dólares, quando vejo
12 os olhos covardes do empresário me pagando a propina, suas mãos trêmulas me passando o tutu, ou quando
13 o juiz me dá ganho de causa, ostentando honestidade, e finge não perceber minha piscadela-cúmplice na
14 hora da emissão da liminar, todos sabujos diante de meu poder burocrático. Adoro a sensação de me sentir
15 superior aos otários que me 'compram', eles se humilhando em vez de mim. Roubar é *sexy*, doutor. Dá tesão.
16 Semelha um pouco às brincadeiras no porão onde eu e menininhos troca-trocávamos com pânico de um pai
17 aparecer; roubar também me liberta, eu explico, me tira do mundo dos obedientes e me traz quase um
18 orgasmo quando embolso uma bolada, o senhor já conheceu a alegria de andar com 300 mil dólares
19 distraidamente dentro de uma ingênua pastinha e deixá-la de propósito ali no balcão da lanchonete, tomando
20 um cafezinho sob a ignorância de transeuntes e pedintes que mal suspeitam que a salvação de suas vidas
21 estaria ali, ao lado do açucareiro? E o prazer de sentir o espanto de uma prostituta, se você lhe arroja mil
22 dólares entre as coxas, e vê sua gratidão imediatamente acesa, fazendo-lhe caprichar em carícias mais
23 sacanas? Conhece, doutor, a delícia de rolar em notas de 100 dólares na cama de um hotel vagabundo, de
24 madrugada, sozinho, comendo castanhas e chocolatinhos do *frigobar*, em uma cidade remota, onde rolou
25 mais um financiamento de grana pública? Conhece a delícia de ostentar honestidade em salões, para caretas
26 inscientes que te xingam pelas costas, mas que te invejam secretamente pelas experiências que imaginam
27 que você teve? Sabe do deleite de ver suas mulheres te olhando como um James Bond ao contrário,
28 excitadas, pensando nos colares de brilhantes que poderiam ganhar de mim, o Arsène Lupin, *charmeur*,
29 sorridente, pois todo bom ladrão é feliz e delicado, principalmente com as damas? O senhor não tem ideia,
30 nessa sua obstinada integridade, do orgulho que temos, mesmo quando roubamos verbas de remédios para
31 criancinhas, de aguentar o sentimento de culpa que bate em nossa consciência como mariposas numa janela
32 e conseguir dominar a vergonha e transformá-la na bela frieza que faz o grande homem? O honesto é triste,
33 doutor, a virtude dá úlcera, o honesto anda de cabeça baixa com baixos proventos, com uma vida limitada,
34 sem conhecer o coração disparado, o gosto ácido da aventura, o honesto não sabe da santidade da sordidez,
35 de onde contemplamos o mundo careta com desprezo.

36 “Eu sou especializado em bens públicos, doutor, é o que me dá mais tesão, saber que estou roubando
37 todo mundo e ninguém, um dinheiro tradicional que já foi de tantas oligarquias. No Brasil, há dois tipos de
38 ladrões, na elite é claro, não falo de 'carandirus'. Há o ladrão extensivo e o intensivo. O primeiro é aquele
39 que vai roubando ao longo da vida política e ao fim de 30 anos já tem Renoirs, lanchões, helicópteros,
40 esposas infelizes e adquire uma respeitabilidade por seu roubo difuso, ganha uma espécie de título de barão
41 ou conde e que, depois, pode se limpar nas artes ou na filantropia. Eu prefiro ser 'intensivo', doutor, me dá
42 mais adrenalina, mais pá-pum, mais relâmpago, uma delícia, doutor, roubar como vingança contra passadas
43 humilhações, dores de corno, porradas na cara não revidadas.

44 “E o prazer da lealdade entre criminosos, doutor, conhece? A telepatia das piscadas, dos códigos, a
45 delícia do conto-do-vigário em dupla, quando um diz 'mata' e o outro 'esfola'? Já viu, doutor, um capanga
46 seu, um 'armário' mau, quebrando o dedo de um devedor dentro da sala, sob teu olhar, proibindo-o de gritar,
47 enquanto o dedo estala sob a manopla do crioulo? E o diálogo oblíquo com algum assassino de aluguel,
48 acertando os detalhes de um prefeito ou empresário a apagar? E o êxtase maior de ver uma execução, ver
49 as súplicas de pavor, enquanto os matadores passam o fio de náilon em volta da garganta do boneco e
50 puxam até ele cair, eu confesso que tive uma ereção vendo essa cena num terreno baldio, debaixo de uma
51 placa de financiamento público, e depois tive a maravilhosa sensação de liberdade de chegar em casa no
52 absoluto segredo do crime e beijar meus filhos vendo desenho animado na TV, indo depois tomar um grande
53 banho na *jacuzzi*, protegido de tudo.

54 “Olhe para mim, doutor. Eu estou no lugar da verdade. Este país foi feito assim, na vala entre o público
55 e o privado. Há uma grandeza insuspeitada na apropriação indébita, florescem ricos cogumelos na lama das



56 maracutaiais. A bosta não produz flores magníficas? O que vocês chamam de 'roubalheira', eu chamo de
57 'progresso', um progresso português, nada da frieza anglo-saxônica.
58 "São Paulo foi construída com esse combustível, Brasília foi feita de lindas ladroagens. Tudo que é belo
59 e bom nasceu da merda. Esta é a tradição do Brasil, doutor..."
(JABOR, Arnaldo. **Amor é prosa, sexo é poesia**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004)

- 1 O texto de Arnaldo Jabor focaliza um assunto sempre presente e atualmente em destaque na sociedade brasileira. Dando voz a um personagem importante – o *ladrão brasileiro* –, o autor fala da
- (A) corrupção presente na política.
 - (B) integridade de empresários e juízes.
 - (C) honestidade do político brasileiro.
 - (D) deslealdade entre os criminosos.
 - (E) felicidade das pessoas honestas.
- 2 Há, no texto, algumas marcas indicando que o *ladrão brasileiro* fala e se dirige a alguém. Essas marcas são
- (A) as aspas, o pronome *que*, o vocativo *doutor*.
 - (B) o vocativo *doutor*, verbo no imperativo e as vírgulas.
 - (C) as perguntas retóricas, o vocativo *doutor* e verbo no imperativo.
 - (D) a forma de tratamento *o senhor*, as aspas e as vírgulas.
 - (E) o pronome *que*, as vírgulas e as perguntas retóricas.
- 3 Falando de sua atividade, o *ladrão brasileiro* explica que se tornou ladrão por
- (A) covardia.
 - (B) necessidade.
 - (C) prazer.
 - (D) acaso.
 - (E) lealdade.
- 4 O *ladrão brasileiro* tem origem ilustre. Segundo o texto, isso se deve ao fato de
- (A) ele nunca ter sido pobre.
 - (B) ele ter sido dono da CAG Ltda.
 - (C) ele ser descendente de reis e príncipes.
 - (D) ele ser Arsène Lupin, ladrão charmoso e elegante.
 - (E) *latrones* significar sujeitos que ficavam ao lado de reis e príncipes.
- 5 No texto, há algumas palavras em destaque, como *latrones* (linha 1), *sexy* (linha 15), *frigobar* (linha 24) e *charmeur* (linha 28). Esse destaque se dá em decorrência de essas palavras
- (A) significarem o *glamour* da vida de ladrão.
 - (B) serem empregadas para caracterizar o ladrão.
 - (C) serem de origem estrangeira.
 - (D) terem significados muito semelhantes.
 - (E) serem todas palavras comuns na língua portuguesa.
- 6 No trecho "Conhece a delícia de ostentar honestidade em salões, para caretas inscientes que te xingam pelas costas, ..." (linhas 25 e 26), a expressão *caretas inscientes* pode ser substituída, sem prejuízo do significado, por
- (A) pessoas antiquadas e ignorantes.
 - (B) pessoas tristes e carentes.
 - (C) pessoas agressivas e inconsequentes.
 - (D) pessoas castas e prudentes.
 - (E) pessoas ultrapassadas e dissidentes.



- 7 No texto, foram empregadas várias palavras para fazer referência a *dinheiro*. Assinale a alternativa em que todas as palavras se referem a dinheiro.
- (A) proventos, manopla, grana.
 - (B) sabujos, propina, dólares.
 - (C) penosas, verba, bolada.
 - (D) dólares, tutu, grana.
 - (E) carandirus, tutu, verba.
- 8 O paradoxo é uma figura de linguagem em que se expressa uma ideia por meio de palavras cujos sentidos são contraditórios. Esse recurso expressivo foi empregado no trecho
- (A) “... todos sabujos diante de meu poder burocrático.” (linha 14)
 - (B) “O senhor não tem ideia, nessa sua obstinada integridade, do orgulho que temos.” (linhas 29 e 30)
 - (C) “Eu sou especializado em bens públicos, doutor...” (linha 36)
 - (D) “... o honesto não sabe da santidade da sordidez...” (linha 34)
 - (E) “E o diálogo oblíquo com algum assassino de aluguel...” (linha 47)
- 9 No trecho “São Paulo foi construída com este combustível...” (linha 58), a palavra combustível se refere a
- (A) ricos cogumelos.
 - (B) roubalheira.
 - (C) flores magníficas.
 - (D) verdade.
 - (E) progresso.
- 10 De acordo com o texto, a tradição no Brasil é
- (A) transformar pobreza em riqueza.
 - (B) roubar o dinheiro público.
 - (C) trabalhar para o progresso.
 - (D) progredir à moda anglo-saxônica.
 - (E) evitar o progresso português.

HISTÓRIA

- 11 Leia o trecho abaixo sobre a definição de tempo histórico para o historiador Fernand Braudel e responda à questão proposta.

“Esta obra [*O Mediterrâneo*] divide-se em três partes, cada uma das quais pretende ser uma tentativa de explicação de conjunto. A primeira trata de uma história quase imóvel, a história do homem em suas relações com o meio que o rodeia (...) Acima desta história imóvel, pode distinguir-se uma outra, caracterizada por um ritmo lento (...) chamar-lhe-íamos de bom grado *história social*. (...) E, finalmente, a terceira parte, a da história tradicional, necessária se pretendermos uma história não à dimensão do homem, mas do indivíduo, uma história de acontecimentos...”.

(BRAUDEL, Fernand. *O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico*. Vol. 1. Lisboa: Publicação Dom Quixote, 1995, p. 25).

No trecho acima, Braudel expõe sua divisão tripartida do tempo histórico. Dentro desta teoria geral do tempo, a história, em seu conjunto, deveria juntar os três tempos,

- (A) priorizando o tempo dos acontecimentos históricos que ajudavam a compor a história diplomática e política construída por Felipe II no mar Mediterrâneo desde o século XVII até nossos dias.
- (B) equilibrando-os e marcando cada tempo com igual grau de importância, começando do tempo presente (tempo dos acontecimentos), para o tempo do passado próximo até o mais distante (tempo da longa duração).
- (C) trabalhando cada qual em seu conjunto, de forma a compreender como o tempo curto (acontecimental) e o médio (social) estavam associados à longa duração, história total priorizada por Braudel.
- (D) equilibrando os tempos mais longos com os mais curtos, de forma a que todos se associassem dentro do tempo social médio, em que os acontecimentos e a natureza eram mais bem entendidos social e politicamente.
- (E) priorizando a história de curta duração (tempo do indivíduo), pois, para Braudel, eram os grandes homens que faziam caminhar os outros dois tempos: o social e o antropológico, o de média e o de longa duração.



12 Leia o trecho abaixo, no qual Karl Marx descreve o que conceitua por história, e responda à questão proposta.

“A condição primeira de toda história humana é, naturalmente, a existência de seres humanos. Pode-se, contudo, se distinguir os homens dos animais, porque os homens, ao trabalharem, produzem os meios de sua existência. Daí se entende que a maneira pela qual os indivíduos manifestam a sua vida reflete muito exatamente o que são. O que eles são, portanto, coincide com o seu trabalho e produção: tanto com o que produzem, quanto com a maneira pela qual produzem. O que os indivíduos são depende, portanto, das condições materiais de sua produção, da divisão social do trabalho e do regime histórico de propriedade. Assim, em linhas muito gerais, a história humana divide-se em história da divisão do trabalho e dos modos de produção e caminha do modo de produção tribal (comunal primitivo), vai para o escravista Estatal, para o Feudal, para o Capitalista e futuramente poderá chegar ao comunista científico.”

(Texto adaptado de Karl Marx. *Marx Sociologia*. São Paulo: Ática, 1996, pp. 45-47).

Pelo trecho, percebe-se a concretude do materialismo histórico marxista, segundo o qual a história humana seria concreta, porque definia-se centralmente pelas

- (A) condições materiais de existência, como as relações sociais do trabalho e a configuração dos modos de se produzir desde o mundo pré-histórico e antigo até nossos dias.
- (B) relações políticas e dos homens de Estado, que na sua concretude escreviam as principais páginas que mudaram a história humana em sua relação com o social e o mundo do trabalho.
- (C) variadas produções materiais e pelas diferentes economias globais. Centralmente, Marx avaliava que a história humana era econômica e feita pelas relações de mercado e mudanças nas práticas capitalistas de existência ao longo do tempo.
- (D) relações sociais e econômicas entre patrões e operários ao longo do tempo. Sempre haveria o trabalhador livre explorado e o patrão com prática de exploração do trabalho livre e das horas de descanso do trabalhador.
- (E) condições sociais de existência humana, em que os mais pobres são explorados pelos mais ricos desde a pré-história até a revolução comunista. No entanto a exploração seria maximizada no Feudalismo.

13 Leia o trecho sobre a situação de trabalho dos indígenas na Amazônia colonial.

“Em meados do século XVIII na atual Amazônia a impressão de harmonia entre os interesses da Coroa portuguesa e os da Cia de Jesus desaparece quando examinamos a atuação dos jesuítas. Convictos de sua missão, eles tratavam os aldeamentos como verdadeiras propriedades. Com frequência desconheciam as determinações reais que procuravam limitar seu controle sobre os índios. Sem enveredar pela dicotomia entre santos e demônios, podemos afirmar que os próprios índios pareciam demonstrar grande aversão ao trabalho nas propriedades dos colonos e nas obras públicas.”

(Texto adaptado de José Alves de Souza Júnior. Jesuítas, colonos e índios: a disputa pelo controle e exploração do trabalho indígena. In Rafael Chambouleyron e outro. *Trópicos de história: gente, espaço e tempo na Amazônia (Séculos XVII a XIX)*. Belém: UFPA, 2010, p. 61).

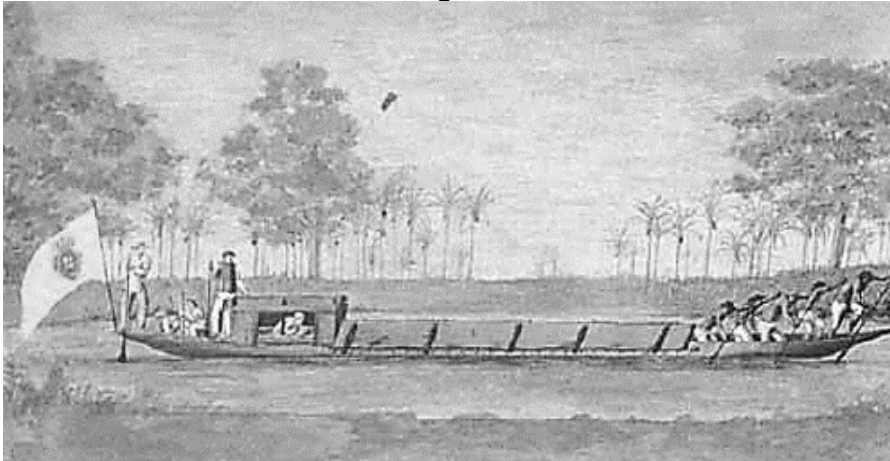
O trecho acima denuncia uma relação de conflito entre os jesuítas e os colonos portugueses na Amazônia colonial. No coração deste conflito, estavam os indígenas e a exploração de seu trabalho. Jesuítas e colonos disputavam o uso da mão de obra indígena

- (A) cotidianamente, pois dividiam o serviço dos indígenas escravizados, que trabalhavam em um determinado horário nas fazendas jesuíticas e em outro nas dos colonos.
- (B) periodicamente, pois nas estações chuvosas os indígenas iam descansar nas fazendas jesuíticas e nas secas plantavam e era escravizados pelos colonos.
- (C) separadamente, pois os indígenas somente trabalhavam para os jesuítas, mas os colonos desejavam esta mão de obra. Revoltavam-se pedindo a expulsão jesuítica da Amazônia.
- (D) sobretudo na segunda metade do século XVIII, quando os indígenas foram tratados pelos jesuítas como suas propriedades e os colonos, juntamente com a Coroa portuguesa, desejavam quebrar este controle.
- (E) apenas no século XVIII, quando os jesuítas ganharam força política com o Marquês de Pombal e passaram a ter os indígenas como sua propriedade escrava, deixando o trabalho dos moradores somente aos escravos africanos.



14 Observe a Imagem 1 abaixo.

Imagem 1



Barco da expedição de Ferreira. *Revista Ciência Hoje* jul 1997.

http://www.cienciahoje.org.br/revista/materia/id/212/n/dilemas_de_um_naturalista_na_amazonia_colonial.

Acessada em 10 10 2016.

A imagem 1 faz parte de um rico acervo, fruto de uma viagem comandada pelo naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira. Ao longo da jornada, foi produzida uma grande quantidade de materiais, como diários, mapas populacionais e agrícolas, cerca de 900 desenhos e aquarelas (além de pinturas a óleo de vilas, fachadas de prédios, panoramas de rios e cachoeiras) e dezenas de memórias (artigos) dedicados às plantas, animais e índios. Pela imagem, percebe-se nitidamente uma hierarquização entre os colonizadores expedicionários (brancos e em pé à esquerda na imagem) e os indígenas (remadores à direita da pintura), pois os

- (A) brancos carregam a bandeira do conquistador espanhol Rodrigues e os indígenas vão no fundo da embarcação e só fazem trabalhos braçais, como remar e trabalhar para os donos dos barcos e das bandeiras.
- (B) indígenas são ilustrados como remadores, ou seja, trabalhadores braçais. Já na outra ponta da canoa os brancos colonizadores portugueses estão em posição destacada, bem vestidos e próximos à bandeira lusitana, símbolo da conquista.
- (C) portugueses são identificados de um lado da canoa e os indígenas de outro, mostrando o distanciamento e o preconceito que marcavam toda a relação colonial: segregacionista, preconceituosa e eternamente escravocrata para os indígenas.
- (D) indígenas eram retratados de forma diferenciada: ou estavam sentados no barco ou de cabeça baixa. Já os colonizadores espanhóis e portugueses mantinham a cabeça alta e remavam o barco de pé, em claro ar de superioridade no trabalho.
- (E) brancos lusitanos eram vistos como homens com característica de civilização. Já os indígenas eram comparados aos animais: mais curvados e submissos, pois estes eram muito selvagens e ainda não conheciam e nem lutavam por seus direitos.

- 15 Observe a Imagem 2, que representa o trabalho de um sapateiro de origem afro-brasileira vivendo no Pará-Brasil do século XIX.

Imagem 2



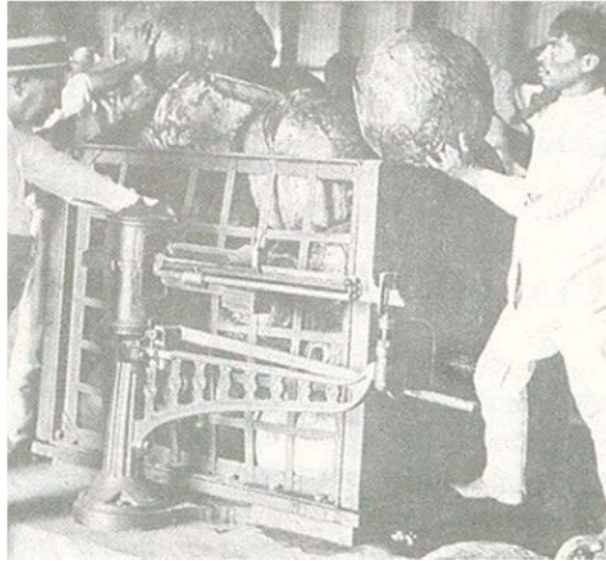
François Biard. Uma botica no Pará. *Deux Années au Brésil*. Paris: Livraria Hachette. 1862. P. 319. Ver site Biblioteca Brasileira USP. <http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/00285600#page/1/mode/1up>. Acessada em 09 10 2016.

Com base nessa imagem e no que se conhece sobre a relação de trabalho neste local e período histórico, entende-se que o homem ali representado era normalmente um trabalhador

- (A) escravizado, pois os trabalhos dos negros de origem africana, sobretudo os de ofícios braçais, como os de trabalhos manuais, como sapateiros e barqueiros, que eram exclusivamente feitos por escravos.
- (B) escravizado ou liberto, porque os trabalhos de ofício em cidades e centros urbanos geralmente eram feitos por negros de ganho (trabalhadores escravizados) ou por libertos que por diversos motivos tinham conseguido a liberdade.
- (C) livre empobrecido, pois ofícios especializados, como os de sapateiro, normalmente eram feitos por homens mestiços que já haviam nascido livres e com acesso a escolas de formação de ofício.
- (D) liberto enriquecido, pois os trabalhos manuais e artesanais, como os de sapateiro, tinham alta remuneração e só eram feitos por trabalhadores livres da escravidão e que puderam enriquecer.
- (E) escravizado, pois todos os tipos de trabalho eram feitos por escravos numa sociedade como a brasileira do século XIX cuja matriz era escravista, monocultora e agroexportadora.

- 16 Observe a Imagem 3, uma fotografia sobre a vida no seringal da Amazônia brasileira no final do século XIX e início do XX.

Imagem 3



Seringueiro no barracão com as bolas de borracha. Site Frank Chaves. A economia da borracha no Pará.
<http://frankchaves-ita.blogspot.com.br/2014/09/a-economia-da-borracha-no-para.html>.
Acessado em 10 10 2016.

A imagem representa a entrega que o seringueiro fazia cotidianamente do fruto de seu trabalho a bola de borracha, a seu patrão no barracão. Neste processo, o trabalhador seringueiro caracterizava-se por trocar

- (A) todo tipo de mercadorias necessárias à sobrevivência nas zonas de seringa. As contas eram acertadas periodicamente, mas normalmente havia endividamento do seringueiro, pois a venda era monopolizada pelos donos dos barracões.
- (B) dinheiro em espécie, que o seringueiro reutilizava para comprar mercadorias no barracão do seringalista, sendo explorado nos preços e na qualidade dos produtos comprados, normalmente falsificados e com pesos e medidas adulterados.
- (C) títulos de dívidas marcadas em cadernetas controladas pelas casas aviadoras e bancos privados, que controlavam o crédito do seringueiro, reduzindo-o ao trabalho escravo, pior do que o do negro de origem africana.
- (D) dinheiro estrangeiro trazido pelos investidores estrangeiros. Contudo os seringueiros tinham que trocar a moeda estrangeira nos barracões e o câmbio quase sempre era fraudado, o que gerava muitas dívidas e problemas sociais.
- (E) trabalho escravo por cadernetas de dívidas anotadas pelos seringalistas que, pessoalmente, controlavam as dívidas dos seus trabalhadores em suas vendas (barracões), cuidando para endividá-los com juros e taxas abusivas pela distância e isolamento dos seringueiros.

17 Observe a Imagem 4, na qual se percebem muitas crianças trabalhando em uma fábrica de algodão.

Imagem 4



Crianças que trabalham em uma fábrica de algodão. Inglaterra Séculos XVIII e XIX. Site BBC school http://www.bbc.co.uk/schools/primaryhistory/victorian_britain/children_in_factories/. Acessado em 10 10 2016

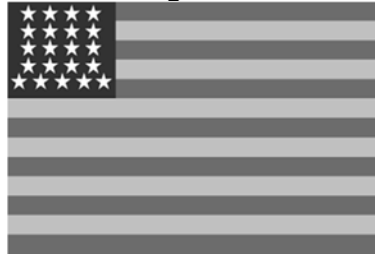
Esta próxima relação com o trabalho infantil retratada na imagem foi comum e cotidiana na Inglaterra da segunda metade do século XVIII e início do XIX. O trabalho infantil era valorizado porque

- (A) não havia leis trabalhistas e os patrões queriam trabalhadores jovens e produtivos, preferindo as crianças e jovens pelo tempo de vida útil deles e pela possibilidade de lhes dar educação pelo trabalho, matriculando-os em escolas católicas.
- (B) os patrões valorizavam ampliar seus lucros e as crianças eram uma mão de obra barata, ágil e na época livre de fiscalização e de regulamentação para seu trabalho.
- (C) as crianças poderiam trabalhar juntas com seus pais, gerando maiores lucros para os patrões, que as alimentavam, mas só pagavam os salários de seus pais e os devidos impostos para o governo.
- (D) os patrões utilizavam trabalhadores vadios e viciados, e assim o trabalho infantil era uma forma de “educação” forçada nesta época, porém a repressão era tanta que este sistema fracassou.
- (E) as crianças trabalhavam como parte de suas atividades escolares nas escolas do governo britânico, contudo, devido aos muitos abusos, o sistema fracassou.



18 Observe as duas bandeiras republicanas brasileiras e responda à questão proposta.

Figura 1

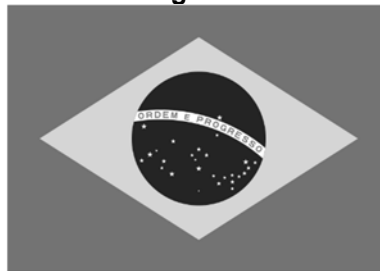


Primeira bandeira republicana do Brasil (1889).

<http://historiaporimagem.blogspot.com.br/2011/11/primeira-bandeira-do-brasil-republica.html>.

Acessado em 12 10 2016.

Figura 2



Bandeira Republicana Brasileira.

Site Bandeira Nacional <http://www.bandeiranacional.com.br/>.

Acessado em 10 10 2016

As duas bandeiras foram criadas nos primeiros anos do governo republicano no Brasil. Embora haja semelhanças entre elas, como as cores verde e amarela e o uso das estrelas simbolizando os Estados nacionais, são propostas diferentes que exprimem diversas posições republicanas presentes no Brasil do final do século XIX e início do XX. As diferenças mais marcantes são as listas horizontais na primeira que simbolizavam o(a)

- (A) vontade de dividir o Brasil com Estados mais rurais (e verdes) e Estados mais urbanos e ricos (as amarelas). Isto foi alterado numa ideia positivista de que a Ordem e o Progresso juntariam a riqueza amarela com o Brasil rural verde.
- (B) ideia de separar o Brasil em Estados populosos (amarelos) e vazios (em verde). Já na nova bandeira a grande quantidade de pessoas estava no coração da nova nação, junto com o lema Ordem e Progresso.
- (C) desejo de criar a união entre os brasileiros de todas as cores e etnias, misturando cores tão diferentes, como o verde, o amarelo, o azul e o branco. Já a segunda bandeira deixava clara a segregação das cores, atribuindo mais valor à cor branca no seu interior, que representava as lideranças republicanas de origem europeia.
- (D) vontade de associar as diferentes culturas do Brasil, somando a cultura e a religião católica (em amarelo – cores do Vaticano) com as dos povos indígenas (representadas nas cores das matas nacionais – verde). Já na bandeira seguinte o catolicismo domina o centro da ideia republicana.
- (E) desejo supostamente igualitário de se implantar um sistema federalista no Brasil próximo ao norte-americano, opondo-se, dessa forma, ao centralismo monárquico que foi mantido na segunda bandeira, mais preocupada em que do meio da nova nação surgisse ordem e progresso, lemas positivistas.



19 “Decisão do Supremo Tribunal Federal de 2010 considerou que os crimes praticados por agentes públicos contra os oponentes ao regime político então vigente também seriam anistiados pela Lei 6.683/79. Posteriormente, a Corte Interamericana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos (OEA) condenou o Estado brasileiro por não ter investigado o desaparecimento de 64 opositores ao regime ditatorial durante a chamada Guerrilha do Araguaia. Além disso, determinou a anulação de dispositivos legais brasileiros que impedem a punição dos responsáveis por crimes comuns cometidos durante a ditadura”.

Com base na leitura do trecho acima e no que se conhece sobre os anos finais da ditadura militar no Brasil pós 1964, é correto afirmar que, em 2010, o Supremo Tribunal Federal e a Corte Interamericana da OEA debatiam alterações na

- (A) Lei da Anistia, que em 1989 terminou com a ditadura militar, recriou a pluralidade dos partidos políticos, mas anistiou dos crimes os militares e torturadores.
- (B) Lei das Diretas Já, que em 1984, impulsionada pelos movimentos de rua, derrubou a ditadura militar imposta desde 1964 e determinou prisões arbitrárias para os torturadores.
- (C) Lei Tancredo Neves de Anistia, que em 1979 anistiou todos os presos políticos, mas não os puniu por seus crimes comuns, como também não puniu os torturadores militares.
- (D) Lei da Anistia, que em 1979 perdoou os crimes políticos igualmente aos militantes antiditadura e aos executores militares e torturadores, com afronta aos direitos humanos.
- (E) Lei anticorrupção de anistia, que perdoou os crimes militares como desvios de verbas e uso indevido da máquina do Estado, anistiando-os sem ônus.

20 Leia o trecho da propaganda da exposição sobre o Muro de Berlim aberta pelo “Centro de Documentação Renovado do Memorial”.

“Em 9 de Novembro, 2014, o 25º aniversário da queda do Muro, a nova exposição permanente “1961 | 1989. O Muro de Berlim” foi aberta no *Centro de Documentação Renovado do Memorial*. A exposição, que abrange 420 metros quadrados, é dedicada à história da divisão de Berlim. Ela explica a situação política e histórica que levou à construção do Muro, sua queda, e a reunificação da Alemanha. Por que o Muro foi construído? Por que durou tanto tempo? Por que caiu em 1989? Estas questões são o foco da exposição multimídia que contém numerosos artefactos, documentos biográficos e meios audiovisuais. A exposição se conecta à história dos acontecimentos políticos com história social, mostrando como a divisão brutal da cidade afetou o povo”.

Site Berlim wall memorial. <http://www.berliner-mauer-gedenkstaette.de/en/berlin-wall-documentation-center-213.html>.

Acessado em 9 10 2016.

A derrubada do muro significou o/a

- (A) fim da política internacional da guerra fria e o enfraquecimento dos regimes de tradição comunista fechada (cortina de ferro) com o impulso do mundo capitalizado e neoliberal.
- (B) fim do bloco comunista com a extinção do regime, mundialmente falando, e a imposição da nova ordem neoliberal encabeçada pelos EUA.
- (C) profunda alteração na política internacional com o enfraquecimento da guerra fria e o nascimento da hegemonia norte-americana sobre a China e URSS (neoliberalismo).
- (D) rápida mudança nas relações internacionais com uma inédita aliança entre EUA e Rússia, que possibilitou o nascimento do neoliberalismo e o fim do comunismo de esquerda.
- (E) fim da guerra fria com o desmantelamento do bloco comunista russo e seu domínio pelo bloco capitalista norte-americano, agora aliado aos chineses (neoliberalismo).

GEOGRAFIA

21 Observe a Imagem 1.

Imagem 1



Image 4 – Sur cette gravure, exécutée à partir d'un dessin de Humboldt, les végétaux sont mis en rapport avec plusieurs facteurs physiques (reproduction du Muséum National d'Histoire Naturelle de Paris).

Tradução: Sobre esta gravura, executada a partir de um desenho de Humboldt, os vegetais são colocados em relação com vários fatores físicos (reprodução do Museu Nacional de História Natural de Paris)

Fonte: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702001000500003.

A geografia científica como se conhece hoje nasceu entre os alemães, no século XIX. Humboldt, representado na imagem 1, deixou um legado importante, e suas obras influenciam, até hoje, muitas áreas do conhecimento. A contribuição de Humboldt para a geografia acadêmica e escolar foi a

- (A) inclusão da geografia ecológica, concebendo o mundo como unidade cósmica.
- (B) iniciação da geografia histórica, defendendo, assim, uma visão antropocêntrica.
- (C) inserção dos estudos epistemológicos, aprofundando os fundamentos gerais do saber.
- (D) admissão dos preceitos naturalistas, explicando, assim, o desenvolvimento da sociedade.
- (E) compartimentação dos setores do conhecimento, separando o natural do social.



- 22 “Um fato capital domina toda a civilização moderna: o fato de que a propriedade de um único indivíduo pode aumentar indefinidamente e até mesmo, em virtude do consentimento quase universal, abarcar o mundo inteiro. O poder dos reis e dos imperadores é limitado, o da riqueza não o é. O dólar é o senhor dos senhores: é por sua causa, antes de qualquer outro motivo, que os homens estão repartidos diversamente sobre a face da terra, distribuídos aqui e acolá nas cidades e no interior, nos campos, nas oficinas e nas fábricas, sendo levados e tornados a levar de trabalho em trabalho, como seixo de praia em praia.”

Fonte: Elisée Reclus, Coleção Grandes Cientistas Sociais. Geografia. São Paulo: Ática, 1985. Pág. 75.

Elisée Reclus, que viveu no século XIX, é considerado o profissional-cidadão ou o geógrafo libertário. No trecho apresentado, extraído da obra *L'Homme et la Terre*, de 1908, destaca-se sua visão

- (A) republicana, influenciada pelos cientistas marxistas de sua época.
(B) revolucionária, fortalecida pelos ideais anarquistas, durante seu exílio.
(C) reacionária, dada a sua formação protestante durante a juventude.
(D) determinista, observada na análise entre recurso, trabalho e riqueza.
(E) dualista, explicada pela atuação ora como geógrafo ora como militante.
- 23 “Na verdade, Vidal imprimiu, no pensamento geográfico, o mito da ciência asséptica, propondo uma despolitização aparente do temário dessa disciplina.”

Fonte: MORAES, A.C.R. Geografia, pequena história crítica. São Paulo: Annablume, 21ed. 2007, pág. 79.

Essa opinião sobre Vidal de La Blache, representante da escola francesa de Geografia, do século XIX, é justificada pelo (a)

- (A) temor sobre o potencial revolucionário que as ciências sociais alcançavam na época.
(B) cumplicidade com a ideologia alemã ratzeliana, que conduzia ao poder centralizador.
(C) discordância com as estruturas políticas segregacionistas que mascaravam seu cotidiano.
(D) descaso da disciplina com a possibilidade da interpretação da relação homem-meio.
(E) cautela em dividir seus conhecimentos estratégicos com a elite francesa.
- 24 “Manaus é prevista como um novo polo irradiador de comércio e centralizador de informações científicas. Por sua localização, disponibilidade multimodal de transporte e logística razoável, esta metrópole se insere no conceito de “cidades mundiais”. Ou seja, centros urbanos mais conectados aos mercados externos e internos. Seria, portanto, o núcleo ideal para dinamizar um novo rito de produção, a partir da biodiversidade.”

Fonte: MARCOVITCH, Jaques. A Gestão da Amazônia. São Paulo, Edusp, 2013. Página 93.

Na análise do autor, o desafio da cidade nesse novo rito de produção está na(o)

- (A) sobreposição da modernização urbana sobre uma cidade predominantemente ribeirinha.
(B) ampliação dos investimentos estrangeiros em infraestruturas que beneficiem o turismo.
(C) utilização de condições estratégicas para viabilizar a prestação de serviços ambientais.
(D) investimento em construção de estradas para integrar as capitais da região.
(E) estabelecimento de conexões internacionais para divulgação dos saberes locais.

25 Observe a Imagem 2, que nos ajuda a refletir sobre o meio técnico-científico-informacional.

Imagem 2



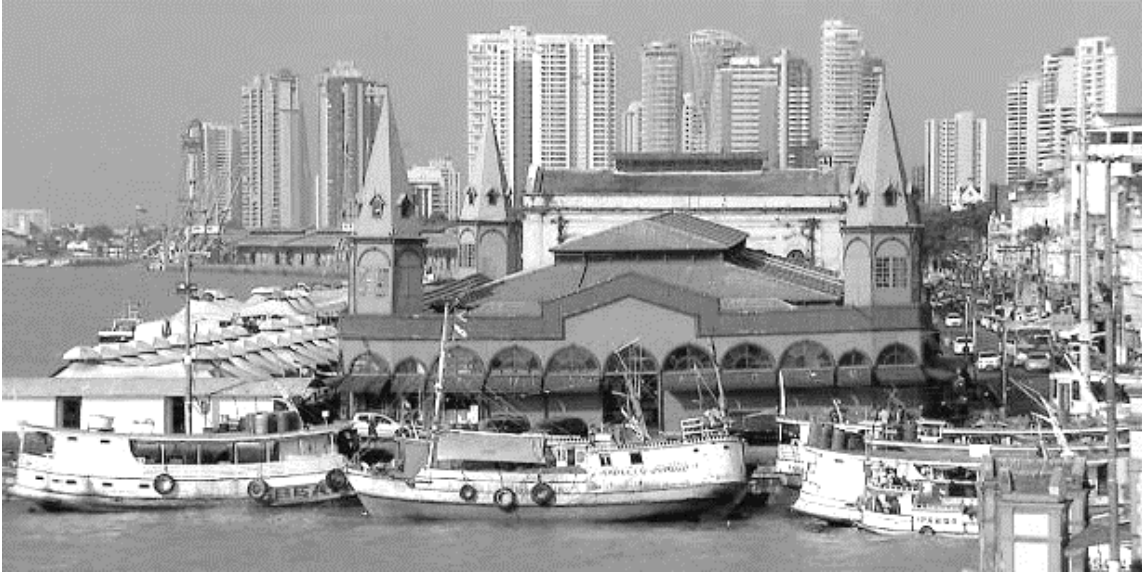
Fonte: <http://entendoeanainformatica.blogspot.com.br/>.
Acesso em 30/09/2016.

Para compreender o conceito de meio técnico-científico-informacional, é necessário saber que

- (A) corresponde à evolução dos processos de produção, do natural ao informacional, como reprodução do meio geográfico.
- (B) visa à supervalorização de informações banais divulgadas nas redes sociais de forma virulenta.
- (C) se refere ao período atual, em que os sujeitos defendem a adesão à economia e à cultura globais.
- (D) se trata de uma hierarquização em que a informação está acima da técnica e da ciência.
- (E) possibilita o acesso à informação, tornando-o democrático e livre do controle político ou das instituições de mercado.

26 Observe a Imagem 3, que retrata o centro histórico de Belém.

Imagem 3



Fonte: <http://tvbrasil.etc.com.br/caminhosdareportagem/episodio/ritmos-sabores-e-fe-belem-400-anos>.
Acesso 03/10/2016.

Com base na análise das categorias de Milton Santos, é correto afirmar sobre o centro histórico da cidade de Belém, retratado na imagem, que o(a)

- (A) conjunto de construções revela formas homogêneas em virtude da modernização desse espaço.
- (B) comércio e o turismo são funções inexistentes no centro histórico.
- (C) estrutura de circulação da cidade proporciona o fluxo entre as partes, dinamizando esse espaço geográfico.
- (D) artificialização proposta interfere na prestação dos serviços; a informalidade deu lugar à formalização dos serviços e dos trabalhadores.
- (E) revitalização dos casarios é um elemento isolado, distanciando-se da lógica mercadológica da cidade.

27 “Ainda é comum os pesquisadores (e planejadores) tomarem os níveis de análise da realidade como “dados”, quase da mesma maneira como observamos uma porção da superfície terrestre expressa em uma fotografia aérea ou imagem de satélite. Ou seja, é como se o “local”, o “regional” etc. existissem por si sós, independentemente da construção do objeto por parte do analista.”

Fonte: SOUZA, M.L. Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial - Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2013 – pág. 187.

Para o autor, na pesquisa socioespacial, os diferentes níveis da análise geográfica devem ser considerados como

- (A) estruturas reais que aparecem independentes da análise do pesquisador.
- (B) elementos materiais fixados rigidamente pelo processo de uso do solo.
- (C) camadas superpostas de variáveis físicas e sociais prontas para serem estudadas.
- (D) fenômenos consolidados que demandam técnicas sofisticadas de interpretação.
- (E) objetos construídos de acordo com as escalas de análise e as questões investigadas.

28 “O Seringal Caparatá localiza-se no limite dos municípios Capixaba e Senador Guimard. O acesso dos posseiros ao local ocorre próximo à rodovia BR 317, que liga Rio Branco até Assis Brasil, localizado na tríplice fronteira Brasil-Peru-Bolívia. O seringal foi palco de batalhas travadas na época da revolução acreana. Dados afirmam que, em 1904, o coronel José Plácido Castro, líder da revolução acreana, comprou as terras do Seringal Caparatá, onde foi morto em uma emboscada quando retornava de Rio Branco em direção ao seringal, em 1908. Desde 2004, o Sr. Osvaldo Ribeiro, que se diz atual proprietário do Seringal, vive ameaçando e seduzindo os moradores para realizarem “acordos”. Os acordos passaram a ser “comuns” para nossa região. Os fazendeiros procuram convencer as populações para realizarem acordos que só beneficiam aos patrões. Podemos citar, por exemplo, os seringueiros da bacia hidrográfica do Riozinho do Rola, que vivem numa luta constante para reconhecimento de seus territórios.”

Fonte: <http://www.cptnacional.org.br/index.php/publicacoes/noticias/articulacao-cpt-s-da-amazonia/3430-dos-seringais-de-ontem-as-fazendas-de-hoje>.

Durante o período compreendido entre as últimas décadas do século XIX e o primeiro quartel do século XX, ocorreu o processo de expansão e apogeu da economia da borracha na Amazônia. Considerando o relato acerca dos seringais, assinale a alternativa que expressa a permanência de antigas estruturas socioespaciais na região.

- (A) A expansão da monocultura para atender ao mercado internacional da indústria automobilística.
- (B) A organização dos trabalhadores em cooperativas como forma de obter autonomia na produção e na renda.
- (C) A atuação do Estado na delimitação de reservas sustentáveis exclusivas para a extração do látex.
- (D) As formas de controle sobre as pessoas e sobre os recursos necessários a sua reprodução socioeconômica e cultural.
- (E) As heroicas atitudes de conquista de terras que legitimaram a expansão do território.

29 Nas imagens 4 e 5, os termos “Segurança da Nação” e “Diversidade e Soberania” são slogans de atores antagônicos presentes no campo da Amazônia contemporânea.

Imagem 4



Fonte: <http://www.senar.org.br/noticia/45o-encontro-ruralista-vai-debater-o-tema-agronegocio-seguranca-da-nacao>. Acesso em 30/09/2016.

Imagem 5



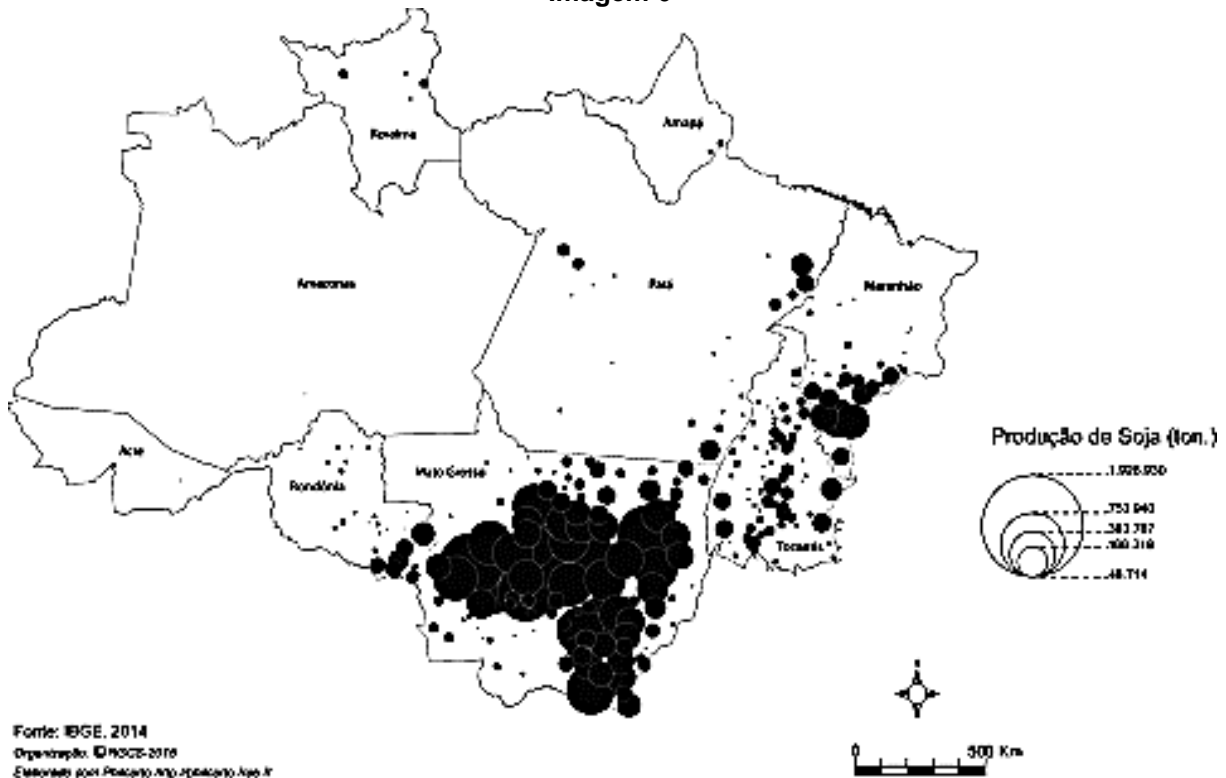
Fonte: Site Oficial do Evento: <http://www.cbaagroecologia.org.br/>

As imagens estão associadas, respectivamente,

- (A) ao acelerado desmonte da estrutura econômica capitalista; e à tomada de consciência do inédito modo de produzir, que valoriza a região como capital ecológica.
- (B) à interdependência das economias nacionais que atrai a migração de trabalhadores qualificados; e ao desafio dos pequenos agricultores em atender ao mercado externo usando técnicas artesanais.
- (C) à defesa do papel das forças armadas como mantenedoras da centralização de determinados grupos; e à compreensão da diversidade regional como base para direito à preservação dos recursos.
- (D) à ampliação das ações do Estado como condutor da regulação fundiária; e à repartição justa dos benefícios recebidos pelo camponês ecológico.
- (E) à hegemonia do poder econômico voltado para atender ao capital internacional, associado ao domínio tecnológico moderno; e à busca pela garantia dos direitos das territorialidades dos produtores familiares na perspectiva da produção sustentável.

30 Um conjunto de fatores é considerado na territorialização da produção de soja na Amazônia Legal, representada no mapa.

Imagem 6



Fonte: SILVA, R.G. Amazônia Globalizada: da fronteira agrícola ao território do agronegócio – o exemplo de Rondônia », *Confins* [Online], 23 | 2015, página 34.

Dentre esses fatores, destacam-se os

- (A) naturais, dado o favorecimento climático e pedológico da região em que se encontram os estados mais produtores.
- (B) político-administrativos, em função da formação recente desses territórios estaduais, o que permitiu a construção de uma dinâmica social e econômica.
- (C) econômicos, representados pelas empresas nacionais e estrangeiras que introduziram infraestruturas para fluidez e expansão do comércio internacional.
- (D) culturais, que dizem respeito à familiaridade das populações locais com homogênea paisagística dos cerrados e que, por isso, não resistiriam à introdução de monoculturas.
- (E) demográficos, onde está a parte da região amazônica mais adensada e com oferta de mão de obra barata para a agricultura.



MATEMÁTICA

Considere a seguinte Figura, na qual são apresentados os gráficos das funções f e g , e responda às questões 31 e 32, a seguir.

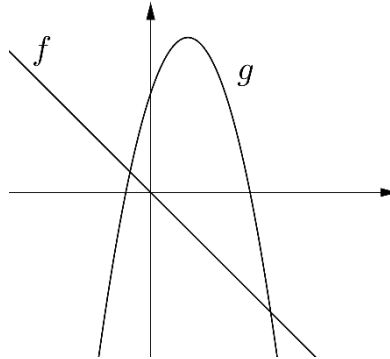


Figura 1

31 As expressões algébricas das funções f e g podem ser dadas, respectivamente, por

- (A) $f(x) = x$ e $g(x) = x^2 - 3x - 4$
- (B) $f(x) = -x$ e $g(x) = x^2 - 3x - 4$
- (C) $f(x) = -x$ e $g(x) = -x^2 + 3x + 4$
- (D) $f(x) = -x + 2$ e $g(x) = x^2 - 3x - 4$
- (E) $f(x) = -x + 2$ e $g(x) = -x^2 + 3x + 4$

32 Acerca da equação $f(x) = g(x)$, é correto afirmar que

- (A) não possui solução real.
- (B) possui uma única solução real.
- (C) possui duas soluções reais, ambas positivas.
- (D) possui duas soluções reais, de sinais distintos.
- (E) possui duas soluções reais, ambas negativas.

33 O domínio da função $h(x) = \sqrt{3x + 6}$ é o conjunto

- (A) $\{x \in \mathbb{R} \mid x \geq -2\}$.
- (B) $\{x \in \mathbb{R} \mid x \geq 2\}$.
- (C) $\{x \in \mathbb{R} \mid x \leq -2\}$.
- (D) $\{x \in \mathbb{R} \mid x \leq 2\}$.
- (E) $\{x \in \mathbb{R} \mid 3 \leq x \leq 6\}$.



34 Observe a Figura 2, que apresenta o gráfico de uma função f .

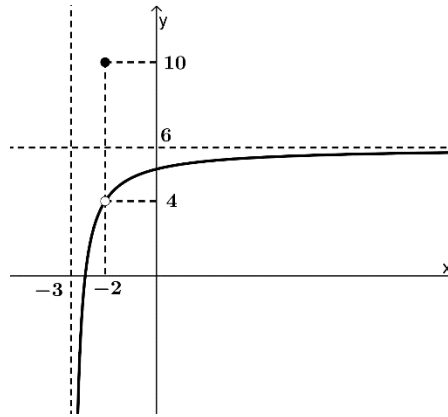


Figura 2

A alternativa que corresponde a uma afirmação **FALSA** é

- (A) $\lim_{x \rightarrow +\infty} f(x) = 6$
- (B) $\lim_{x \rightarrow -2} f(x) = 10$
- (C) $\lim_{x \rightarrow -3^+} f(x) = -\infty$
- (D) A função f é descontínua em $x = -2$.
- (E) O valor máximo que a função atinge é 10.

35 A derivada da função $f(x) = x^4 - e^x + \ln x + \cos x + 5$ é a função

- (A) $f'(x) = \frac{x^5}{5} + e^x + \frac{1}{x} + \sin x + 5x$
- (B) $f'(x) = \frac{x^5}{5} - e^x + (x \ln x - x) + \sin x + 5x$
- (C) $f'(x) = 4x^3 - xe^{x-1} + \frac{1}{x} - \sin x$
- (D) $f'(x) = 4x^3 - e^x + \frac{1}{x} + \sin x$
- (E) $f'(x) = 4x^3 - e^x + \frac{1}{x} - \sin x$

36 Uma primitiva da função $g(x) = xe^x$ é a função

- (A) $G(x) = (x - 1)e^x + x^2e^x$
- (B) $G(x) = (x - 1)e^x + 5$
- (C) $G(x) = e^x + xe^x$
- (D) $G(x) = \frac{x^2}{2}e^x$
- (E) $G(x) = x^2e^x$

37 A função $h(x) = \sqrt{(1 + \cos x)^3} + \cos x$ pode ser expressa como a função composta $h(x) = f(g(x))$, em que as funções f e g são dadas por

- (A) $f(x) = \sqrt{x^3} + x - 1$ e $g(x) = 1 + \cos x$
- (B) $f(x) = \sqrt{x} + x - 1$ e $g(x) = (1 + \cos x)^3$
- (C) $f(x) = \sqrt{x} + \cos x$ e $g(x) = 1 + \cos^3 x$
- (D) $f(x) = 1 + \cos x$ e $g(x) = \sqrt{x} + x - 1$
- (E) $f(x) = (1 + \cos x)^3$ e $g(x) = \sqrt{x} + \cos x$



38 A derivada da função $H(x) = e^{3x} \cos(x^2)$ é a função

- (A) $H'(x) = e^3 \cos(2x)$
- (B) $H'(x) = -e^3 \sin(2x)$
- (C) $H'(x) = e^3 \cos(x^2) - e^{3x} \sin(2x)$
- (D) $H'(x) = e^{3x} \cos(x^2) - e^{3x} \sin(2x)$
- (E) $H'(x) = 3e^{3x} \cos(x^2) - 2xe^{3x} \sin(x^2)$

39 Uma partícula se desloca em linha reta, sendo sua posição, em quilômetros, $x(t)$, descrita como função do tempo t , dado em horas, pela expressão $x(t) = t^3 - 4t^2 + t + 2$.

A velocidade, em **km/h**, desta partícula no instante $t = 3h$ é igual a

- (A) -3 km/h
- (B) 2 km/h
- (C) 3 km/h
- (D) 4 km/h
- (E) 8 km/h



40 A Figura 3, abaixo, apresenta o gráfico da **derivada** de uma função g .

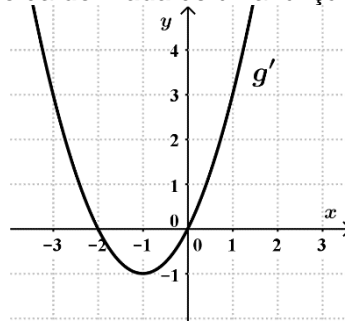


Figura 3

A imagem que representa corretamente o gráfico da função g é

- (A)
- (B)
- (C)
- (D)
- (E)